

Uma revista, muitas leituras

Resenha de NEVES, Lucia Maria
Bastos P.; GUIMARÃES, e Lucia Maria
Pascoal (Orgs.). *Minerva brasiliense:*
leituras. Rio de Janeiro: Contracapa,
2016, 224 páginas.

VALÉRIA GUIMARÃES

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP),
Professora de Teoria da História, História do Brasil e História
da Leitura no Departamento de História da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Franca)
valeria.s.guimaraes@uol.com.br

A *Minerva Brasiliense* — *jornal de ciencias, lettras e artes*, publicada por “uma associação de literatos”, veio à luz no Rio de Janeiro no dia 1º de novembro de 1843 e seguiu com publicações quinzenais de volumes de cerca de 30 páginas até sua extinção, em 1845. Era uma revista erudita, no modelo das *revues savantes* francesas, cuja coleção está disponível na Hemeroteca Digital Brasileira.

Seu nome evoca a deusa do panteão romano identificada com sabedoria, cuja correspondente grega é Atena, como se sabe. Francisco de Salles Torres Homem, autor do programa da revista intitulado “Progressos do século atual”, parecia supor que seus leitores também estavam bem familiarizados com a representação evocada pela entidade mitológica que nomeava sua revista e não se preocupou em explicar nem a escolha do nome, nem a alegoria que estampava a capa, repleta de signos do progresso e da civilização ocidental, tais como o livro, o compasso, o mapa, a bússola, o barco entre outros, tendo ao fundo a luz que aponta no horizonte de um futuro promissor.



FIGURA 1. Alegoria da capa do livro
Fonte: *Minerva Brasiliense*, 01/11/1843.

O tom ensaístico do texto explica todas as referências ao evocar, ainda de forma implícita, a concepção hegeliana de progresso. Nele, o autor incorporava as conquistas iluministas às contingências do Espírito o qual “... com as fórmulas mais poderosas lançava as bases de uma nova estética, e levava a luz de um transcendente racionalismo conjuntamente à psicologia, à moral e à história”¹. A “associação de literatos” reunidos na publicação teria, assim, a missão de incluir a nação “brasiliense” na lógica idealista, como a retirar o país do atraso a que fora relegado pelo *télos* da História Universal.

Foi com um mergulho profundo nas páginas de *Minerva* que um grupo de autores se reuniu para explicar uma proposta de tal forma ambiciosa para o então meio intelectual nacional. Se a História cultural é uma história *carrefour*, como afirma Jean-Yves Mollier², para se referir à abordagem que privilegia os cruzamentos de referências de várias disciplinas, temos um exemplo concreto desse exercício no livro *Minerva brasiliense: leituras*, organizado por Lucia Maria Bastos P. Neves e Lucia Maria Pascoal Guimarães. A obra, dividida em introdução e nove capítulos, reúne autores brasileiros e estrangeiros com formação em história, filosofia e letras que se movimentam com facilidade pelas questões culturais e políticas que o objeto de estudo suscita. Ela é o resultado do projeto coletivo “Entre a política e as letras: *Minerva Brasiliense* e seu lugar no mundo dos impressos no Brasil dos Oitocentos”, desenvolvido entre 2012 e 2016, que contou com o apoio do CNPq.

Na introdução, as organizadoras remarcam a originalidade da proposta da *Minerva Brasiliense* e sua inserção no contexto da história da imprensa brasileira. A relativa estabilidade do Segundo Reinado deu condições para o aparecimento de uma empreitada desse gênero, que se desvinculava da tradição dos pasquins e suas contendas políticas, em um empenho mais amplo para interferir nas questões identitárias cuja discussão era premente.

Lucia Maria Bastos P. Neves e Tania Maria T. Bessone da Cruz Ferreira, autoras dos dois primeiros capítulos, *Nas páginas de Minerva Brasiliense* e *Minerva Brasiliense: redatores, colaboradores e publicistas*, respectivamente, localizam a publicação em seus aspectos diacrônicos e sincrônicos.

Lucia Bastos explora as dimensões da produção, circulação e recepção. Descreve o suporte e a lógica de suas seções, caracteriza autores, insere a publicação em seu contexto e aborda a revista à luz da rede de relações em que a iniciativa estava inserida, contemporânea que foi de outras importantes publicações nacionais como *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e a *Revista Nacional Estrangeira*. O diálogo com a imprensa estrangeira também é mapeado e, como de hábito, a francesa *Revue des Deux Mondes*

aparece em destaque — a história dos impressos tem mostrado a recorrência desta revista no meio intelectual brasileiro.

Efêmera, condição imposta por questões relativas aos limitados recursos técnicos e materiais de que dispunha em um mercado editorial ainda em constituição, *Minerva Brasiliense* revelou sua originalidade em um meio que parecia não favorecer propostas de tal envergadura. A figura do publicista, assim, ganha contornos especiais no cenário de um jornalismo claudicante, atividade sem status profissional, exercida por homens de letras que ali encontravam espaço ideal. Tania Bessone historiciza o termo, percorrendo sua genealogia ligada ao conceito francês de *publiciste*. Vocações enciclopédica e ambição multidisciplinar alinhavam-se aos ditames do conhecimento científico e da modernidade, em busca de apontar tendências para que o *télos* dos “novos tempos” também tocassem a jovem nação.

A intenção pedagógica e de formação de opinião da revista, embora não pioneira, é sublinhada por mais de um autor, situando *Minerva Brasiliense* no contexto de um país em que o limitado público leitor encontrava nos periódicos os textos para sua orientação e aprendizado. Revistas eruditas, com programa semelhante, eram particularmente acessadas para este fim. Afinal, entre o livro e o jornal, o suporte revista não trazia informação tão efêmera que carecesse de profundidade como as publicações cotidianas, nem solicitava do leitor uma formação especializada ou o esforço da leitura acurada, como o livro.

Os mais de quarenta colaboradores recenseados cobriam as áreas de artes, ciências e literatura, faziam parte de um mesmo grupo social e mantinham relações entre si. Cumpriam o papel de mediadores culturais, dispostos em grupos ligados a algumas poucas instituições, construindo redes de sociabilidade intelectual bastante coesas que fizeram parte de um autêntico laboratório para a formação de um campo autônomo nas letras brasileiras.

Após esta detalhada apresentação da revista, a sequência do livro conta com artigos que exploram seus aspectos mais particulares. Lucia Maria Paschoal Guimarães abre essa sessão com o artigo *Minerva brasiliense: narrativas de viagem, política e polêmica* e aborda a originalidade das narrativas de viagens publicadas na revista, a qual trazia contribuições de brasileiros e um peruano ao invés de relatos de europeus, em geral mais frequentes. A valorização do olhar nacional se abria para a discussão sobre a singularidade da fundação da nação brasileira frente aos seus vizinhos latino-americanos, constituindo padrões interpretativos que seriam retomados pela historiografia brasileira posterior. As representações da nova nação pelo olhar de

viajantes foram também alvo de polêmicas explícitas em suas páginas, sobretudo quando não eram favoráveis ao tom ufanista e legitimador do Estado Monárquico que *Minerva Brasiliense* parecia defender.

O caráter de incentivadora do debate sobre as representações da nação também aparecia nos textos que tratavam dos aspectos geográficos. Disciplina cujos traços ainda estavam em definição, assim como a História, a Geografia ligava-se à legitimação das identidades nacionais e os autores de *Minerva Brasiliense* tentavam trazer à discussão o repertório que favorecia o conhecimento da nação continental, condição para sua consolidação, como abordado no didático artigo de Luciene Pereira Carris Cardoso, *Minerva Brasiliense: Geografia*.

Seus colaboradores, assim, além de formadores de opinião, também atuavam como verdadeiros divulgadores científicos. Em *A divulgação do saber científico no Império do Brasil: a seção de ciência do periódico Minerva Brasiliense*, Alex Gonçalves Varela demonstra como a revista abriu espaço para a publicação de pesquisas realizadas tanto por nacionais como estrangeiros, muitas delas inéditas, levando ao conhecimento de seu público leitor o que então se produzia no campo das Ciências Naturais e deixando cair por terra a ideia mais recorrente de atraso da produção local, uma vez que, segundo o autor, esses homens de ciência tanto se encontravam atualizados com o debate internacional, como contribuíam com descobertas inéditas.

No campo das artes, os componentes de um romantismo que já se anunciava aparecem na busca da cor local, na resistência à absorção de modelos adventícios, no apego à língua falada (traço distintivo da nação, afinal), na busca da origem, enfim, naquilo que se poderia definir como nacionalidade, ou, melhor, brasilidade, como alerta a autora Maria Aparecida Ribeiro em *A narrativa e o teatro em Minerva Brasiliense*. Porém, enquanto o teatro tentava se firmar como espaço de tradução da identidade em seu sentido mais contundente, a crítica e a dramaturgia publicada em *Minerva* não escapavam à renitente francofilia.

Poesia lírica em *Minerva Brasiliense* — o avesso do cânone de Regina Zilberman, como o título explicita, trata da prolífica publicação de poesia lírica nacional, portuguesa ou traduzida do francês. A autora considera a produção presente em *Minerva* como precursora do romantismo de Gonçalves Dias e sua Guanabara, uma ponte que se não inova, abre espaço para o que viria.

Para Manoel Ferro, em seu *Da tuba canora às ressonâncias da harpa, címbalos, sistros e tambores: o canto épico e outros cantos nas páginas de Minerva*

Brasiliense, a epopeia se faz abundantemente representada na produção impressa da época e *Minerva Brasiliense* não constituiu exceção. O autor se dedica a legitimar a sobrevivência da epopeia como recorrente, destaca o intrínseco nacionalismo do gênero, porém aborda de forma dicotômica os pares nacional/global, identidade/alteridade, ao contrário dos demais autores que bem notaram o quão porosas são tais categorias, o que faz do texto um tanto destoante do conjunto da obra.

No artigo que encerra o livro, *Entre a fadiga da construção e o orvalho do céu. Notas para uma interpretação da estratégia doutrinária de Minerva Brasiliense* de Antonio Pedro Pita, é a singularidade de *Minerva* que vem sublinhada, como portadora de uma “estratégia doutrinária” (p. 201) nem sempre presente entre suas contemporâneas, segundo o autor. Ele desvela o referencial filosófico que aparece em alguns textos-chave, como o ensaio que abre a revista “Progressos do Século Atual”, de Francisco de Salles Torres Homem, e também sublinha a leitura teleológica da História e o sentido de missão civilizatória da qual este se imbuí, o que pautará, nas palavras de Antonio Pita, todo o grupo envolvido na revista.

Entre as outras muitas questões presentes na obra, cabe ainda ressaltar que mais de um autor bem observa que os colaboradores de *Minerva Brasiliense* eram verdadeiros polígrafos, característica recorrente dos intelectuais da época. Igualmente, salientou-se que o caráter político, embora assumidamente evitado, estava presente em grande parte dos debates explícita ou implicitamente, ainda que sob a égide de uma abordagem de interesse meramente científico e cultural. Bem como cabe lembrar a ausência do elemento africano em uma revista que se pretendia definidora dos contornos identitários, silêncio bem sublinhado por Lucia Bastos.

Aprendemos com o livro que *Minerva* foi um esforço pedagógico e nacionalista, valorizou a participação de autores nacionais e latino-americanos, criou um campo de reflexão sobre as questões locais, sem conseguir, porém, escapar às contingências das referências às “nações civilizadas”, em última instância o horizonte eurocêntrico para o qual os olhares do século XIX estavam voltados e empenhados em participar.

O ponto dissonante é a repetição da descrição da revista por mais de um autor (como aspectos relativos ao suporte ou à orientação da revista, à distribuição das seções e a recorrente apresentação de alguns dos autores), o que por vezes cansa o leitor. Porém é compreensível que isso ocorra, pelo fato de ser um procedimento básico ao se tratar com o periódico e sabe-se ser difícil evitar em um trabalho de tal envergadura.

A publicação desse livro é oportuna não só para melhor fazer conhecer uma revista que, a despeito de sua curta duração, é importante instrumento de reflexão sobre questões centrais para se pensar o século XIX na perspectiva da história da imprensa e da leitura e suas implicações políticas e culturais, mas também para contribuir para o campo já bem explorado acerca das discussões sobre a definição da identidade nacional, deixando claro como estas não podem ser entendidas sem se considerar as intensas trocas intelectuais transnacionais. A análise sistemática feita pelo grupo de uma só publicação propicia ao leitor não só se inteirar sobre a *Minerva Brasiliense*, mas fazer um erudito passeio pelo século XIX, em seus mais variados campos do saber.

Notas

1 HOMEM, Francisco de Salles Torres. Introdução — Progressos do século atual.

In: **Minerva Brasiliense** — jornal de ciencias, letras e artes. Rio de Janeiro, Typ. do J. E. S. Cabral. Número 1, 1º de novembro de 1843, p. V.

2 POIRRIER, Philippe. *Les enjeux de l'histoire culturelle*. Paris: Éditions du Seuil, 2004, p. 390.

Recebido em 23/10/2017

Aprovado em 30/10/2017